

ANTOLOGIA POÉTICA DE DRUMMOND: UMA ANÁLISE DOS CAMPOS LEXICAIS DA SEÇÃO *UM EU TODO RETORCIDO*

DRUMMOND POETIC ANTHOLOGY: AN ANALYSIS OF THE LEXICAL FIELDS OF SECTION ONE ALL RETORTED

Fernanda Martines de Araújo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

fernanda.mmartines@gmail.com

Geraldo Vicente Martins

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

geeemartins@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo utilizará alguns procedimentos linguísticos, para depreender princípios organizadores de “Um eu todo retorcido”, primeira seção do livro *Antologia Poética*, de Carlos Drummond de Andrade, considerada uma obra representativa não apenas por dispor de uma variedade de poemas, mas também por ter sido organizada pelo próprio autor. Este artigo seguirá duas linhas de análise: a primeira visa, a partir de um suporte teórico, a construir uma reflexão sobre a denominação atribuída pelo poeta ao título da seção “Um eu todo retorcido”; a segunda visa a analisar elementos de construção textual, para verificar a correlação entre os poemas e o título da seção, alicerçando-se, para tanto, no conceito de isotopia, o qual determinará o conjunto de unidades lexicais a serem analisadas, apresentando por fim o campo semântico e lexical que compõe a seção.

Palavras-chave: Lexicologia; Semiótica; Poesia.

Abstract: *This article will use some linguistic procedures to understand the organizing principles of Carlos Drummond de Andrade's book “An Entirely Twisted Self”, which is considered a representative work not only because it has a variety of poems, but also because it was organized by the author himself. This article will follow two lines of analysis: the first aims, from a theoretical support, to build a reflection on the denomination given by the poet to the title of the section “A whole twisted self”; The second one aims to analyze elements of textual construction, in order to verify the correlation between the poems and the title of the section, based on the concept of isotopy, which will determine the set of lexical units to be analyzed. end the semantic and lexical field that make up the section.*

Keywords: *Lexicology; Semiotics; Poetry.*

1. Introdução

O presente artigo tem por objetivo mostrar os princípios organizadores de “Um eu todo retorcido”, primeira seção da obra *Antologia Poética*, de Carlos Drummond de

Andrade, a partir das escolhas das unidades lexicais realizadas pelo autor da obra. Em busca de alcançar os possíveis efeitos de sentido presentes nos poemas, tomou-se como ponto de partida a análise do léxico, este considerado por Oliveira (2001) como “caminho inicial para ter acesso a um texto”, em busca de depreender o valor semântico das unidades lexicais, para apresentar os campos lexicais que correlacionam o título da seção com as escolhas dos poemas que a compõem.

Objetivou-se, a partir das análises, verificar de qual maneira a seção foi organizada e qual a correlação entre o título que a ela foi atribuído e a seleção dos poemas que a ela pertencem, seleção que foi realizada pelo autor da obra. A partir de uma análise das isotopias que percorrem os poemas, pretende-se mostrar quais são as unidades lexicais que perfazem determinada isotopia, chegando-se, assim, ao conjunto de unidades lexicais que constroem o denominado “eu retorcido” da seção.

O levantamento foi feito levando-se em consideração os pressupostos teóricos da lexicologia e da semiótica de linha francesa. Embora tais linhas registrem elementos distintos, as duas mantêm relações muito estreitas, quiçá miscíveis, pois, para estudar o contexto inerente à própria obra, é imprescindível analisar a escolha das unidades lexicais, para, assim, obter-se a compreensão dos vários aspectos do discurso.

Para realçar essa associação entre o uso de teorias linguísticas e um objeto de natureza literário, é sempre oportuno recordar as palavras de Roman Jakobson (1969, p.162), segundo as quais, “um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos”; compreende-se, ademais, que a junção dos conceitos de ambas as vertentes linguísticas vem agregar valor à análise a ser realizada. Apresenta-se, em seguida, um percurso teórico que fundamenta o artigo.

2. A magia da palavra: um percurso teórico

Já dizia o linguista Algirdas Julien Greimas, um dos fundadores da teoria semiótica, em frase célebre: “Fora do texto não há salvação”¹ (1974, p.10). Essa afirmação se sustenta na concepção de que a linguagem é uma propriedade fundamental e inerente ao homem, desde sempre observada como um objeto de fascínio e de interesse.

Ao se falar de linguagem, e conseqüentemente de língua, é imprescindível falar das concepções a seu respeito, pois os estudos sobre o tema foram realizados de maneiras distintas. Os estudos sobre a linguagem são muito antigos; foram iniciados no século IV a.C. pelos hindus, que buscavam estudá-la a fim de não terem seus textos sagrados alterados. Outros

1 Citação retirada do texto “Enunciação, uma postura epistemológica”, de Algirdas Julien Greimas, Tradução de Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, publicado na revista *Significação*.

estudiosos foram os gregos, os quais visavam a estabelecer uma correlação entre conceito e palavra, em busca de definir a relação existente entre o objeto e o termo que o designa.

Outro enfoque sobre os estudos da língua foi o da filologia, porém tal estudo ocupava-se, sobretudo, dos textos escritos. No século XVII, surge a gramática de Port Royal, demonstrando que as regras e padrões não eram algo executável em uma única língua e que sua aplicabilidade poderia ser válida para todas.

Em 1816, os estudos de Franz Bopp vêm apresentar as modificações da língua ocasionadas pelo tempo, estabelecendo as relações possíveis entre elas, a partir dos estudos comparativos de línguas. Tais estudos comparavam as línguas entre si (em especial, o Latim e o Grego) na busca de verificar as possíveis semelhanças e diferenças entre elas, para, assim, determinar seus possíveis parentescos.

Em meio a esse cenário, o surgimento de uma ciência linguística que possuísse como objeto a língua acabou por ser imprescindível, sendo possibilitado por Saussure, no século XX, com as ideias difundidas no *Curso de Linguística Geral*. Por meio dessa obra, o termo estruturalismo passou a ser adotado e os estudos da língua acabaram por se pautar restritamente em sua estrutura, esta compreendida como um sistema estável e desvinculado de ideologia.

Observa-se que os estudos anteriores a Saussure acerca da linguagem e da língua não eram tratados de maneira científica. Havia os estudos da gramática centrados em questões de certo e errado, que eram calcados na língua culta e desprezavam completamente as diversas possibilidades de uso. O surgimento da ciência linguística veio possibilitar algumas mudanças na compreensão da língua, tornando essencial, também, compreender o que é signo, tendo em vista que toda comunicação é possibilitada pela relação entre significante e significado. Por isso, passemos para o ponto de partida e o princípio norteador de produção da linguagem e comunicação, a *palavra*.

2.1. Da palavra ao sentido

Ao se falar de linguagem, é imprescindível falar de palavra, pois palavra, conforme anota Maria Tereza Camargo Biderman (2001, p. 81), “é a pedra de toque da linguagem humana. Vários são os ângulos sob os quais esta complexa matéria pode ser analisada”, além disso, “nas numerosas tradições culturais dos homens a linguagem surge com a palavra instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Todas as culturas nascem de uma palavra criadora, dita em tempos imemoriais por um poder divino” (2001, p. 84).

Conforme a autora, é “a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades, cria um universo significativo

revelado pela linguagem”². Ao se falar de realidade nomeada e denominação, somos remetidos ao conceito de signo, ou seja, à relação entre significante e significado, todavia, é válido ressaltar que esse conceito não deve ser confundido simplesmente como uma relação entre palavra e coisa.

A concepção de significado como equivalente à coisa significada é algo bastante antigo; a noção de linguagem como nomenclatura já estava presente em diversos mitos da antiguidade, inclusive, na tradição hebraica, como na passagem em que Adão nomeou os animais no texto bíblico. Nela, foram estabelecidas as relações entre nomes e coisas; porém isso conduz a uma questão: se o ato de nomear é juntar um nome a um referente, onde se encaixaria o sentido? Para compreender o lugar do sentido, logo também da semântica, observam-se as duas estrofes do poema *Mar absoluto*, de Cecília Meireles:

[..]

Não se esquece que é água, ao desdobrar suas visões:
água de todas as possibilidades,
mas sem fraqueza nenhuma.

E assim como água fala-me.
Atira-me búzios, como lembranças de sua voz,
e estrelas eriçadas, como convite ao meu destino.

(MEIRELES, 1983, p. 57)

Caberia, a partir da leitura, o raciocínio sobre os traços que vão além do evidente, do enunciado (dito), suas reflexões possíveis. Isso seria uma mera nomeação da realidade, a água, de fato, refere-se à substância líquida? Por certo que não; no poema, a água refere-se à manifestação de uma divindade. Desse modo, repita-se, qual seria o lugar do sentido? Essas indagações vêm justificar o fato de cada teoria sobre a linguagem estar voltada para uma semântica específica. Junto a essas dúvidas a respeito da linguagem, estariam também as dúvidas sobre o significado daquilo que é enunciado.

São Tomás de Aquino viria a apresentar que “as palavras são os signos dos pensamentos, e os pensamentos, similitude das coisas”, e também “as palavras referem-se às coisas designadas mediante os conceitos” (AQUINO *apud* RASTIER 1990 p.07). A partir do que cita o autor, pode-se alcançar a conclusão de que a linguagem, o signo e o sentido estão imbricados, mas em uma relação que precisa ser considerada em toda a sua complexidade.

Assim, o sentido seria inerente à linguagem, o dizer significa. Louis Hjelmslev (1975, p. 1), em *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, aborda o sentido a partir da perspectiva da imanência da linguagem. O autor diz que a linguagem

2 BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *In: Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.

é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

A partir da citação, é impossível delimitar a linguagem a algo como uma simples nomenclatura das coisas, ou apenas como uma categorização da realidade. Fica evidente que sua função está além, não apenas voltada ao mundo ontológico, mas ao mundo das significações. Assim, toda produção de linguagem acaba por emanar uma variedade de sentidos e, para analisar esses sentidos, neste artigo, recorreremos a algumas noções como as de campo semântico e de campo lexical.

Segundo Francis Vanoye (1987, p. 34), para se estudar o vocabulário de um autor, é necessário conhecer duas noções, a de campo semântico e de campo lexical, sendo o primeiro “o conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado” e o segundo,

o conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa. A partir de um texto ou de um conjunto de textos, faz-se o levantamento de todas as palavras ligadas a uma noção, estudando-se depois o material obtido. Pelo reagrupamento das palavras (opostas, sinônimas, associadas, etc.), obtém-se uma definição bastante precisa da noção dentro do texto considerado. (VANOYE, 1987, p.34)

Tendo como base essas noções, busca-se realizar uma análise de tais campos na primeira seção, *um eu todo retorcido*, do livro *Antologia Poética*, de Carlos Drummond de Andrade.

2.2. Da isotopia às unidades lexicais

De acordo com o José Luis Fiorin (2006, p. 90), em *Elementos de análise do discurso*, “o que dá coerência semântica a um texto e o que faz dele uma unidade é a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso”, fenômeno denominado de isotopia. Segundo o autor, “a recorrência de traços semânticos estabelece a leitura que deve ser feita do texto. Essa leitura não provém da fantasia do leitor, mas está inscrita no texto” (*ibidem*). Tendo em vista a relevância desse conceito, buscar-se-á identificar os campos lexicais que sustentam e perfazem determinadas isotopias a partir do conjunto das observações obtido pelas recorrências de ordem interna.

Um dos procedimentos a serem realizados para identificar as isotopias que percorrem os poemas é o de observar os componentes de tematização e figurativização, pertencentes ao território da semântica discursiva; na perspectiva da semiótica, a tematização e a figurativização dizem respeito a dois níveis de concretização do sentido. De acordo com Barros (2005, p.62), “tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e

organizá-los em percursos. Em outras palavras, os percursos são constituídos pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente”.

Discutindo os conceitos assinalados, afirma Fiorin:

[...] figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, vaga-lume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural. [...] Quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não só no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo natural construído. É o caso, por exemplo, de um texto de ficção científica em que apareça um ser que em lugar dos pés tenha rodinhas para se locomover [...]. Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc. (FIORIN, 2006, p.91)

Verifica-se, portanto, que dada a relação entre eles, tais procedimentos são complementares e fundamentais na construção dos sentidos do discurso. Assim, face às perspectivas apresentadas, na busca de apreender os sentidos possíveis dos textos, no caso, dos poemas, será válido recorrer ao conceito de *isotopia*. Segundo Barros,

[...] é necessário examinar, na busca dos sentidos do texto, as relações vigentes entre as várias isotopias. Essas relações estabelecem-se entre as isotopias figurativas de um mesmo texto, cada uma delas pressupondo uma linha de leitura temática. Dessa forma, por meio das relações verticais entre isotopias figurativas, ligam-se também os diferentes percursos temáticos do discurso. (BARROS, 2005, p.71)

Portanto, para chegar aos campos lexicais dos poemas da primeira seção da obra *Antologia Poética*, de Carlos Drummond de Andrade, será necessário valer-se dos conceitos e procedimentos apresentados, estabelecendo uma correlação entre o sentido e a organização da obra.

3. Drummond e sua *Antologia Poética*

Silviano Santiago, no “Posfácio” ao livro *Farewell*, inicia sua escrita a partir da apresentação de uma das principais características da obra drummondiana, a simplicidade. Segundo o autor:

[...] por fugir às regras da tradição, a simplicidade da poesia de Drummond desconcertou nosso leitor habitual de poemas. Desde os anos 30, tornou-se peça de escárnio e de escândalo, mas também razão para repentina celebridade, o conhecido e iconoclasta poema “No meio do caminho” (SANTIAGO, 2006, p. 130)

Ainda que Drummond percorra vários gêneros textuais, reveste-se de importância a análise de pelo menos um dos gêneros, neste caso, o da poesia, tendo em vista sua

relevância apresentada por Santiago como divisora de águas. Sabe-se que a fuga às regras é característica da poesia moderna e que, além de Drummond, há uma gama de poetas modernistas, todavia conforme assinala o crítico:

[...] de todos os poetas modernistas da literatura brasileira, é sem dúvida Drummond o que recebeu a maior consagração por parte da crítica, tanto da militante em jornais quanto da outra que ocupa as cátedras das escolas e que, diante de mais jovens, reelabora os poemas dele em sala de aula. Esse desconcerto entre simplicidade e qualidade, aliás, é tema recorrente na vasta bibliografia crítica sobre Drummond. (SANTIAGO, 2006, p.131)

A significância de sua poesia simples e de qualidade justifica a escolha de sua análise, neste artigo, optando-se, como objeto de estudo, por sua obra mais diversa e enriquecida pela organização, realizada pelo próprio Drummond. *Antologia Poética* é composta de poemas retirados de doze obras escritas pelo autor, criando uma diversidade temática dividida em nove seções, cada uma possuindo um determinado princípio organizador. O eixo temático da obra é diverso, o que possibilita muitas abordagens de estudo, também concomitante ao fato de ter sido organizada pelo próprio poeta.

Conforme afirma Antonio Cicero, no posfácio da obra *Antologia Poética*, de Drummond:

[...] a excelência desta antologia não reside apenas na indiscutível qualidade de diversos poemas. Ela se distingue por pelo menos duas outras razões: em primeiro lugar, por ter sido organizada pelo próprio autor e, em segundo, por ter o autor, ao organizá-la, seguido critérios inteiramente pessoais, tendo em vista torná-la, segundo ele mesmo, tanto “vertebrada” quanto um “espelho fiel” de sua produção poética. (CICERO, 2015, p.301)

Cada uma das seções da obra possui um título atribuído por Drummond, são elas: (1) *Um eu todo retorcido* (2) *Uma província: esta* (3) *Família que me dei* (4) *Cantar de amigos* (5) *Na praça de convites* (6) *Amar-amaro* (7) *Poesia contemplada* (8) *Uma, duas argolinhas* (9) *Tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo*.

Cada um dos títulos das seções pressupõe uma categorização, existindo, no interior de cada categoria, traços recorrentes que sustentam o título atribuído a cada uma delas. Tendo em vista a gama temática da obra e a particularidade de cada uma das seções, optou-se, neste texto, por apresentar a análise da primeira seção – *Um eu todo retorcido*, por considerá-la uma das mais significativas da obra, não apenas por ser a seção de entrada do livro, mas também por conter alguns dos mais conhecidos poemas do autor, indicando-se o lugar destes na totalidade de sua produção poética.

4. Análise da Seção *Um eu todo retorcido: a composição do eu*

A seção é composta por dezoito poemas, estes retirados de cinco obras drummondianas anteriores. Considerando a diversidade dessas obras, com datas de publicação diferentes, chega-se ao seguinte panorama de organização:

Nº	Título do Poema	Obra / Ano de Publicação
01	Poema de Sete Faces	<i>Alguma Poesia / 1930</i>
02	Soneto da perda esperança	<i>Brejo das Almas / 1934</i>
03	Poema patético	<i>Brejo das Almas / 1934</i>
04	Dentaduras duplas	<i>Sentimento do mundo / 1940</i>
05	A bruxa	<i>José / 1942</i>
06	José	<i>José / 1942</i>
07	A mão suja	<i>José / 1942</i>
08	A flor e a náusea	<i>A rosa do povo / 1945</i>
09	Consolo na praia	<i>A rosa do povo / 1945</i>
10	Idade madura	<i>A rosa do povo / 1945</i>
11	Versos à boca da noite	<i>A rosa do povo / 1945</i>
12	Indicações	<i>A rosa do povo / 1945</i>
13	Os últimos dias	<i>A rosa do povo / 1945</i>
14	Aspiração	<i>A rosa do povo / 1945</i>
15	A música barata	<i>Fazendeiro do ar / 1954</i>
16	Estrambote melancólico	<i>Fazendeiro do ar / 1954</i>
17	Nudez	<i>A vida passada a limpo / 1959</i>
18	O enterrado vivo	<i>Fazendeiro do ar / 1954</i>

Tabela 1: Explicativa / **Fonte:** ARAÚJO, Fernanda Martines.

A partir da escolha dos poemas que compõem a seção, percebe-se primeiramente uma linearidade com relação ao ano de publicação das obras das quais eles foram retirados, desde o primeiro poema até o décimo sétimo. A organização segue uma sequência com relação aos anos de publicação das obras das quais os poemas foram escolhidos, todavia o décimo oitavo poema, que encerra a seção, é o único que destoa dessa regularidade temporal. Qual seria a justificativa dessa mudança de organização adotada pelo Drummond?

A partir da leitura do primeiro poema, “Poema de sete faces”, percebe-se que a primeira estrofe é iniciada pelo seguinte verso: “Quando nasci”, deixando implícito que o texto que abre a seção tratará da descrição da vida de um sujeito, contada a partir de seu nascimento; já o último poema, o qual destoa da organização supramencionada, recebe o título de “enterrado vivo”. Pode-se, assim, inferir que a seção vem apresentar a vida de um sujeito, desde o seu nascimento até a sua morte.

Temos, portanto, a seguinte organização:

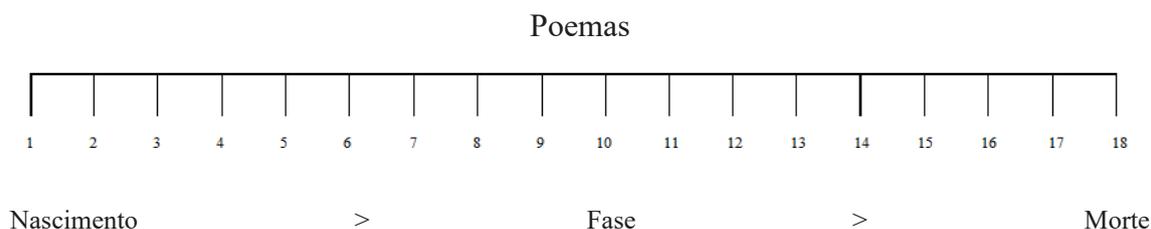


Figura 1: Linha temática / **Fonte:** ARAÚJO, Fernanda Martines.

Se considerarmos que a semiótica discursiva postula que o sentido dos textos pode ser analisado sob a forma de um percurso gerativo, ainda que nosso foco de atenção esteja na análise das unidades lexicais, podemos observar que, no nível das estruturas fundamentais, os poemas possuem dois eixos de apresentação e que ambos os eixos se entrecruzam por algumas oposições semânticas.

O primeiro eixo, denominado eixo da predestinação, tem início no primeiro e segue até o décimo poema; o segundo eixo, intitulado eixo da aceitação, inicia no décimo primeiro e vai até o décimo oitavo poema. Ambos se interligam pelas seguintes oposições:

Eixo 01 – Eixo da Predestinação	Eixo 02 – Eixo da Aceitação
Imaturidade	Maturidade
Emocional	Frio

Tabela 2: Eixos temáticos / **Fonte:** ARAÚJO, Fernanda Martines.

Encontra-se, nos poemas da primeira seção, a isotopia da *aparência*, a qual se delinea pela repetição de vocábulos cujos traços, de algum modo, acompanham a ideia de características do sujeito. São eles: *torto, gauche, sério, simples, forte, fraco, comovido, pálido, inútil, insolúvel, velho, casto, sóbrio, triste, sozinho, calado, distante, solitário, duro, sujo, pardo, débil, sufocado, melodioso, resignado, perdido, indeciso, míope, indiferente e ensimesmado*”.

Todas essas unidades lexicais criam uma representação do sujeito, precisamente do eu retorcido, todavia, é possível identificar, nos poemas, não somente a isotopia da *aparência*, como também os *campos lexicais dos sentimentos*, os quais foram divididos em duas fases, tendo em vista que todas as características do sujeito interferem e, em alguns casos, (demonstram estados patêmicos diferentes) cujos campos lexicais podem ser classificados pelas seguintes unidades lexicais principais:

Fase da Imaturidade	Fase da Maturidade
Desajuste	Solidão
Autonegação	Desconfiança
Inquietude	Decepção

Orgulho	Melancolia
Inadequação	Nostalgia
Individualismo	Remorso
Incerteza	Culpa

Tabela 3: Divisão semântica / **Fonte:** ARAÚJO, Fernanda Martines.

Os sentimentos expressos nos poemas podem ser divididos, como o próprio título do poema de entrada, em sete faces:

Face 01: Desajuste, Inadequação e solidão

Elementos textuais: Desajuste - “Vai, Carlos! Ser gauche na vida” / “tem poucos, raros amigos” / “o homem atrás dos óculos e do bigode” / “Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu era fraco” / “comovido como o diabo”. Inadequação - “estarei mesmo sozinho? / mas se tento comunicar-me, o que há é apenas solidão” / “sozinho no escuro / qual bicho do mato”. Solidão - “estou sozinho no quarto / estou sozinho na América”, “o que há é apenas a noite / e uma espantosa solidão”, “sozinho no escuro”.

Um elemento que perpassa o campo lexical é a voz do sujeito no entre-lugar. Conforme indica Nubia Jacques Hanciau (2005, p. 217), entre-lugar é “um espaço intermediário e clandestino”. Pode-se identificar, assim, um indivíduo em conflito com a sua realidade e a realidade externa, não se adaptando em nenhum dos eixos. Disso resulta uma crise entre sujeito e objeto, primeiramente com um desajuste social (“tem poucos, raros amigos”); em seguida, físico (“o homem atrás do bigode”) e, por fim, psicológico (“sabias que eu era fraco”, “comovido como o diabo”), pois, ao invés de existir uma interação e um complemento, o sujeito acaba por viver sempre em situações conflitantes.

Face 02: Autonegação, orgulho e individualismo

Elementos textuais: Autonegação - “nenhum auto passaria sobre meu corpo” / “mas você não morre”, “tenho horror, tenho pena de mim mesmo”. Orgulho - “não cantarei o mar: que ele se vingue / de meu silêncio, nesta concha”. Individualismo - “meu ódio é o melhor de mim” / “eu sigo, cada vez menos solitário”.

A autonegação, o orgulho e o individualismo expõem um sujeito que, ao mesmo tempo em que nega a si mesmo, possui uma perspectiva orgulhosa com relação à sociedade, carregado tantas vezes de um ego específico, fechando-se em si e contentando-se nesse fechamento. O sentimento de inadaptação acaba por torná-lo orgulhoso e individualista, todavia, esse sujeito, ao mesmo tempo, nega a si mesmo, tornando a exclusão um ponto de partida para a desarmonia consigo e com o mundo, mantendo sempre um olhar centrado em si.

Face 03: Incerteza e desconfiança

Elementos textuais: Incerteza - “E agora José” / “José, para onde?” Desconfiança - “a mão incurável / abre dedos sujos”.

A incerteza e a desconfiança denotam um desejo que aponta para a busca de fugir do próprio eu, a vontade de conhecer o alheio existe, porém esta é sempre desconfiada. Não há, de fato, uma busca por respostas, mas sim uma busca por perguntas, um sujeito que vive em constantes reflexões e acaba mergulhando em filosofias para excluir o que existe fora de si. Assim, a desconfiança parte do princípio de que o social viria a se dissolver, existindo uma dificuldade de confiança, sendo a incerteza um ponto de fuga.

Face 04: Inquietude

Elementos textuais: “que barulho é esse na escada” / “rumor que salta de meu coração” / “tenho muitos outros sentimentos violentos”.

A inquietude é algo inerente ao modo de expressão do sujeito, o qual possui várias oscilações de humor, ora forte, ora fraco; o sujeito vive em uma constante agitação interior. A falta de sentido existente no mundo traz como resultado um sujeito que se transforma constantemente, transformações que são expressas em suas variações de humor. Existe, ao mesmo tempo, uma inquietação por não saber de fato qual o rumo correto a ser seguido, como ser, como sentir em um lugar onde tudo é incerto, e tais dúvidas o torna inquieto.

Face 05: Decepção

Elementos textuais: “não o tempo não chegou de completa justiça” / “nenhuma carta escrita nem recebida”.

Das lembranças, desencadeia-se um senso do real, a partir do qual surge a decepção consigo mesmo e com o mundo. O sujeito busca compreender o mundo; todavia, este lhe parece cada vez mais incompreensível e, conseqüentemente, inalterável, trazendo à tona a consciência realista dos fatos. O fato de o sujeito carregar consigo a sina de ser diferente leva sua predestinação, já apontada pelo “anjo torto”, a desencadear constantes decepções em seu caminho.

Face 06: Melancolia e Nostalgia

Elementos textuais: Melancolia - “melancolias, mercadorias espreitam-me” / “mas vêm a ideia de passado”. Nostalgia - “Minas não há mais” / “saudades do Matão e de mais quem”.

A melancolia sentida advém de uma insatisfação consigo mesmo. O eu lírico busca, por meio da memória, criar no presente um modo de vida possível, para amenizar sua existência imperfeita. Com isso, o olhar do sujeito passa a ser o ponto de partida para seus sentimentos; nesse sentido, é interessante observar o que afirma Marilena Chauí (1997, p.31):

[...] ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento. Esse laço entre ver e conhecer, de olhar que se tornou cognoscente e não apenas espectador desatento, é o que o verbo grego *eidô* exprime. *Eidô* – ver, observar, examinar, fazer ver, instruir, instruir-se, informar, perceber – e *viso* – visar, ir olhar, ir ver, examinar, observar.

A nostalgia apresenta um olhar duro do sujeito mediante a realidade, tornando-o melancólico ao enxergar a si mesmo e a sociedade por um viés de rigidez.

Face 07: Remorso e Culpa

Elementos textuais: Remorso - “tenho saudade de mim mesmo, de tanto que não fui”. Culpa - “não cantarei amores / quando tive, nunca celebrei”.

Por vezes, o remorso e a culpa são sentimentos que se justificam por meio dos problemas existentes na sociedade; assim, o sujeito busca culpar a sociedade para amenizar a responsabilidade de suas ações, em busca de criar, desse modo, um equilíbrio emocional.

Como se podem observar, os poemas se apoiam em dispositivos conceituais que estão na base da constituição de textos em geral. É o caso da relação sujeito/objeto, a qual produz uma transformação necessária para a evolução discursiva. Assim, pode-se realizar uma análise sobre as modalidades, ou seja, as “entidades que nos ajudam a definir a forma de relação do sujeito com seus objetos e com outros sujeitos” (TATIT, 2002, p. 191).

Nessa crise existente entre sujeito e objeto, identifica-se um ser em busca de satisfação; o eu poético faz do tempo um problema para a sua existência e insere seu sofrimento na realidade de um mundo frio. A consciência do dilaceramento da vida pelo tempo abre os ferimentos existenciais e, neles, há o segredo das perguntas sem respostas, as quais, à medida que são feitas, aumentam ainda mais sua insatisfação, impossibilitando sua completude.

Tais constatações levam a perceber uma oposição semântica a partir da qual se constroem os sentidos dos poemas: /interação/ *versus* /solidão/. Nela, cada um dos termos recebe certa valorização, conforme o ser do sujeito; nos poemas, recorrentemente, a solidão é eufórica, e a interação, disfórica.

Solidão		Não-solidão		Interação
(euforia)	>	(não-euforia)	>	(disforia)

Assim, a título de esclarecimento, vale resgatar a afirmação de Greimas e Courtés (2011, p. 192), segundo a qual “a euforia é um termo positivo e a disforia um termo negativo ambas da categoria tímica, que se opõem e servem para valorizar os microuniversos semânticos”.

A partir de constatações a respeito do sujeito, tais características possibilitam uma concepção do que viria a ser os campos lexicais dos sentimentos. Para melhor compreensão dos campos lexicais, apresenta-se o seguinte esquema:

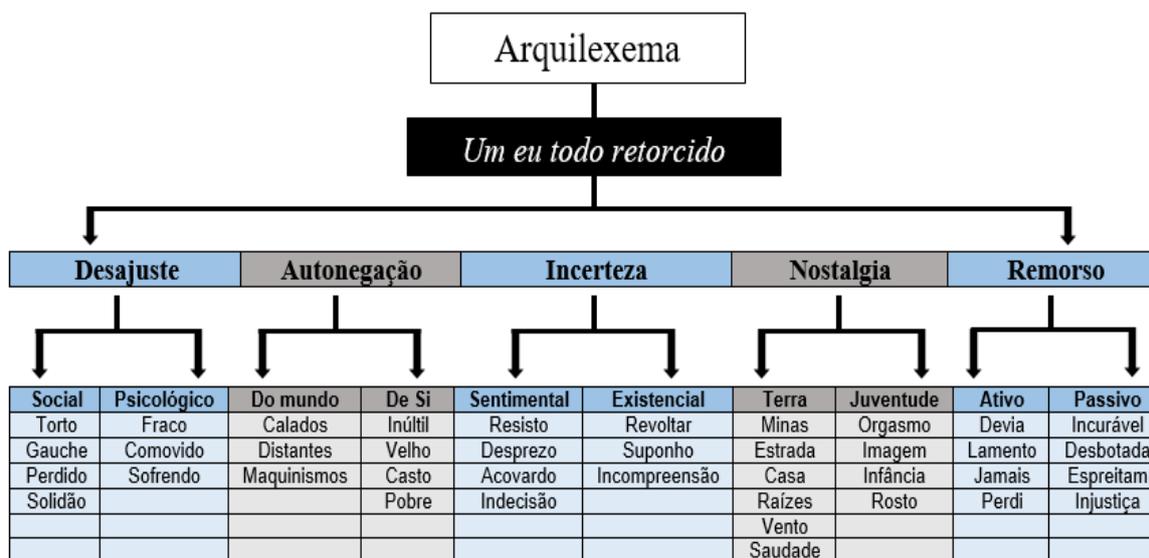


Tabela 4: Lexemas / Fonte: ARAÚJO, Fernanda Martines.

Pode-se inferir, por esse esquema, que as unidades lexicais trazem características de um eu colocado às avessas, incompreendido e solitário, existindo, assim, uma relação estrita entre suas características especificadas pelos termos, as quais levam à concepção de um eu todo retorcido, ou seja, do Arquilexema utilizado no esquema. À vista disso, subtende-se que cada uma das unidades lexicais possui um sentido de acordo com o contexto no qual está inserida, sentidos que podem ser observados, a seguir, pela tabela de definições das unidades lexicais do campo lexical dos sentimentos:

Unidades Lexicais	Definição
Torto	Característica do anjo.
Gauche	Indivíduo desajustado.
Perdido	Sujeito em busca de adaptação social.
Solidão	Sentimento ocasionado pela falta de interesse de interação do sujeito.
Fraco	Unidade utilizada para caracterizar sua incapacidade de socializar.

Comovido	Expressão utilizada ironicamente, “comovido como o diabo”.
Sofrendo	Estado sentimental no qual se encontra um sujeito, sem amizade e sem mulher.
Calados	Indivíduos passíveis diante das mudanças negativas que acontecem na sociedade.
Distantes	Pessoas que não expressam afetividade no contexto social.
Maquinismos	Tecnologias que permitem a evolução da sociedade.
Inútil	Sujeito que perdeu a esperança.
Velho	Sujeito de idade madura.
Casto	Unidade lexical utilizada ironicamente. <i>Oposto</i> : Impuro
Pobre	Poeta que vive em um tempo de pobreza.
Resisto	Ação de recusa de interação sentimental.
Desprezo	Repulsa do alheio.
Acovardo	Ação diante do receio de se envolver com outrem.
Indecisão	Estado no qual se encontra o sujeito diante dos acontecimentos ao seu redor.
Revoltar-me	Utilizado para expor a dúvida se seria coerente ir contra a sua própria vida.
Suponho	Referente à ação do indivíduo diante das reflexões sobre sua existência.
Incompreensão	Estado no qual se encontra o sujeito ao olhar criticamente para a sociedade.
Minas	Terra natal do sujeito.
Estrada	Representação das ruas de Minas Gerais.
Casa	Local no qual o sujeito morou durante sua infância.
Raízes	Sua família.
Vento	Elemento desencadeador de saudade de sua terra natal.
Saudades	Sentimento que invade o sujeito ao lembrar de Minas Gerais.
Orgasmo	Capacidade não detida pelo sujeito, por conta de sua idade avançada.
Imagem	Referente à beleza e à firmeza que o sujeito possuía na juventude.
Infância	Período para o qual o sujeito deseja voltar.
Rosto	Unidade referente às mudanças que a face sofreu por conta da idade.
Devia	Sensação de remorso por não ter feito algo.

Lamento	Sentimento ocasionado ao perceber a rápida passagem do tempo.
Jamais	Refere-se a oportunidades perdidas.
Perdi	Reflete a impossibilidade de modificar suas atitudes.
Incurável	Associa-se à sociedade e aos problemas sociais.
Desbotada	A impressão que o sujeito tem da sociedade.
Espreitam-me	Sensação detida pelo sujeito de ser observado ocultamente.
Injustiça	Sensação que o indivíduo possui ao falar da sociedade.

Tabela 5: Definições / **Fonte:** ARAÚJO, Fernanda Martines.

A partir dos significados das unidades lexicais, torna-se possível perceber a aproximação entre os campos lexicais, quais sejam: desajuste, autonegação, incerteza, nostalgia e remorso. No campo do desajuste, há o social e o psicológico. Em um primeiro momento, o desajuste existe em decorrência da atitude do sujeito em negar o mundo, o que acaba por fazê-lo negar a si mesmo por conta da dificuldade em lidar com o social. Por outro lado, o desajuste psicológico acaba por ser um dos fatores que o levam ao desajuste social.

Nesse conflito interno, surge a sensação de incerteza, pois a diferença que o persegue desde o seu nascimento torna-o desajustado e seu estado de insegurança, ao mesmo tempo, traz incertezas ao sujeito, fato ocasionado pelo sentimento de não inclusão ou não aceitação. Algumas dúvidas provêm de sua busca por adaptação, incertezas que o levam à reflexão sobre quais seriam as características necessárias para o ajustar-se no mundo em que vive.

O fato de não se adaptar acaba por levá-lo ao sentimento de remorso, que é denominado, no esquema, como *ativo*, porque advém de atitudes tomadas pelo sujeito, e *passivo*, quando é o resultado de atitudes que foram provocadas pela sociedade, porém sentidas por ele. Por fim, em busca de refúgio, surge a nostalgia, a qual viria como um modo de presentificar o passado, para assim fugir ao presente disfórico.

5. Conclusão

A partir da leitura da primeira seção, “Um eu todo retorcido”, da obra *Antologia Poética*, de Carlos Drummond de Andrade, percebe-se, com relação à organização da obra, que os poemas foram selecionados a partir da intencionalidade de apresentar a vida de um sujeito, do início ao fim. Identificou-se, nos poemas, a isotopia predominante da *aparência*, pois todos os poemas da seção referem-se às características de um sujeito.

A isotopia recorrente levou à identificação de algumas unidades lexicais, as quais se vinculam a um valor semântico comum, indicado pelos sentimentos do sujeito, resultando,

assim, nos campos lexicais dos sentimentos, uma vez que as características do sujeito denominado retorcido estão completamente vinculadas aos sentimentos experimentados por ele.

O esquema realizado para observação dos campos lexicais dos sentimentos foi denominado de Arquilexema / Hiperônimo “um eu todo retorcido”, pois todos os hipônimos e unidades lexicais vêm caracterizar e compor esse eu. Cada hipônimo pode ser subdividido, contendo duas características diferentes, porém complementares.

Segundo o dicionário Houaiss, *retorcido*, em seu sentido figurado, significa: “arreesado (colocado às avessas, obscuro, mal interpretado, cujo sentido não está claro, de difícil compreensão, confuso)”. Percebe-se, a partir da análise dos campos lexicais dos sentimentos, que o sujeito pode ser caracterizado como um indivíduo solitário, com um vazio existencial, que se fecha em si mesmo e é dotado de uma profunda falta de esperança.

Portanto, o sujeito intitulado por Drummond como “eu todo retorcido”, seria, de acordo com os campos lexicais encontrados, um indivíduo desajustado, social e psicologicamente, o qual nega uma interação com o mundo e, ao mesmo tempo, nega a si mesmo, vive carregado de incertezas sobre seus sentimentos e também do valor de sua existência. Conseqüentemente, ele é dotado de remorso pelo que fez e pelo que foi feito a ele, inclusive um remorso sobre o que o tempo fez com ele, fator que o leva a uma nostalgia da juventude e, por fim, a uma nostalgia de sua terra, a única coisa que, de fato, o consola e o conforta.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: _____ OLIVEIRA, A. M. P. P. e ISQUERDO, A. N. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Antologia Poética*. 48ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *Farewell*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *L'Enonciation: une posture épistémologique*. In: *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, nº 1, Tradução de Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz. Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), 1974. p. 09-25.

- GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2011.
- JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- HANCIAU, Nubia Jacques. *Entre-Lugar*. In: FIGUEIREDO, *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: Ed UFF, 2005, p. 215-241.
- HJELMESLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOUAISS, Antônio e Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MEIRELES, Cecília. *Mar absoluto e outros poemas: retrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- RASTIER, François. *A tríade semiótica e a semântica linguística*. Novos atos semióticos, 1990.
- TATIT, Luiz. A abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística*. V.1. São Paulo: Contexto, 2002.
- VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.